

A DEMIURGIA NO LIVRO II DA REPÚBLICA – A SYNOIKÍA DOS DEMIURGOS

Jean Farias¹

RESUMO: Para tratar do problema da justiça na *República*, Sócrates propõe fundar uma cidade no discurso. Partindo desse procedimento, ele apresenta a tese de que os homens se unem em uma *synoikía* (συνουκία) – comunidade de pessoas que vivem juntas – pois são carentes de muitas coisas. Outra tese apresentada é que cada homem possui uma natureza e essa lhes confere determinada capacidade demiúrgica, empregada para aplacar as carências. No presente texto, pretendemos analisar as relações que os membros dessa *synoikía* estabelecem entre si nos dois contextos que caracterizam a cidade feita de *lógos*: no primeiro, quando a cidade é considerada sadia, ordenada e os cidadãos devotam o trabalho para a satisfação de suas necessidades mais prementes; no segundo, quando a cidade adoecida, onde a divisão do trabalho se desfez causada pela valorização dos bens, a comunidade fica inclinada à *stasis*. Como método destacaremos o exercício da demiurgia no processo de transformação da *pólis* que nasce saudável e torna-se adoecida. A síntese do problema está na própria mudança dos caracteres dos membros da *pólis* que, se em um primeiro momento pautavam-se pela simplicidade e ordenação, posteriormente enveredam-se pelos excessos e pelo luxo.

Palavras-chave: *República* – *pólis logoi* – Demiurgia

ABSTRACT: To talk about the problem of justice in the *Republic*, Socrates proposes to found a city in speech. From this procedure, he presents the thesis that men unite themselves in a *synoikía* (συνουκία) – a community of people living together – because they are deprived of many things. The other thesis presented is that each man has a nature and it gives him a certain demiurgic capacity, applied to supply the needs. In this paper, we intend to analyze the relationships that the members of this *synoikía* establish among themselves in both contexts that characterize the city made of *logos*: the first, when the city is considered healthy, organized and the citizens devote themselves to the satisfaction of their most pressing needs through their work; the second, the ill city, where the division of labor broke up caused by the valorization of assets, the community is inclined to *stasis*. As a method we will highlight the exercise of demiurgy in the transformation process of the *polis* that is born healthy and becomes diseased. The synthesis of the problem is in the own change of the characters of the *polis*' members that, if before they were regularized by simplicity and order, after a while they adopt excesses and opulence.

Keywords: *Republic* – *polis logoi* - Demiurgia

O tema da demiurgia está presente no Livro II da *República* em pelo menos dois níveis. Primeiro Sócrates assume implicitamente a condição de demiurgo ao propor

¹ Bolsista Capes – PPGLM/UF RJ

fundar uma cidade, cujo fim é fazer visível a justiça. O segundo é a própria conformação da cidade elaborada pelo filósofo, ela se mostra, a saber, como uma associação de demiurgos, que se reúnem com o fim específico de aplacar as necessidades básicas que a natureza lhes impõe.² Essa segunda acepção da demiurgia no livro em questão é que será abordada mais detidamente no presente texto. Entendemos que a compreensão da própria elaboração da cidade já é um elemento para a percepção do agir demiúrgico de Sócrates. Entrementes, gostaríamos de fazer alguns comentários acerca dessa que consideramos a primeira acepção da atividade demiúrgica no Livro II.

A demiurgia a qual o filósofo se dispõe executar está referida tacitamente em algumas construções de seu *lógos*. A própria elaboração do vocabulário é um indício, pois guarda relação com os tratados hipocráticos. O texto *Perí tékhne*, em especial, aborda a demiurgia médica e detalha os procedimentos epistêmicos que a arte exige para a sua execução. Podemos estabelecer certa intertextualidade entre o texto acima mencionado e o exercício demiúrgico de Sócrates na *República*. Mas, embora seja relevante e inegável o fato de que os escritos dialogam entre si, é difícil determinar a precedência de um texto sobre outro. Portanto, podemos elencar algumas dessas intertextualidades entre as obras sem evocar qualquer anterioridade cronológica de um sobre o outro, com o único intuito de observar a convergência entre o proceder demiúrgico da medicina e o socrático. O procedimento empreendido pelo filósofo de fazer visível algo que em princípio não se mostra evidente e acessível aos sentidos, seria um desses pontos convergentes que encontramos no texto hipocrático *Perí tékhne*. Segundo o texto atribuído a Hipócrates, as causas das doenças que não podem ser conhecidas pela visão ou pela audição deve ser buscada pelo raciocínio (λογισμῶ)³. Conforme Sócrates propõe, para fazer a justiça aparecer eles fundarão a *pólis* no *lógos* e com o *lógos*. Também o diagnóstico da enfermidade que aflige a cidade. Sócrates descreve o estado de excesso da *pólis*, que enveredara-se pela via dos luxos, como humores que deixam-na inchada e doente. Esse tipo de diagnóstico está contido também nos tratados hipocráticos para descrever um corpo adoecido. Tais exemplos, entre outros que podemos verificar em um trabalho mais específico sobre a questão, conectam o discurso socrático ao texto hipocrático, mas sobretudo indicam que o proceder

2 Não podemos deixar de referir ao mito de Prometeu, narrado por Hesíodo em *Trabalho e os dias*, segundo o qual, o homem recebe do titã, por meio do fogo divino roubado de Zeus, a capacidade de articular as *tékhnai*, como compensação por sua natureza nua e desprovida de força e proteção.

3 *Περί τέχνη*, IX, 18

demiúrgico de Sócrates está presente não só no ato de fundar uma cidade, mas no seu processo de cura, após ela se encontrar gravemente adoecida.

O paralelo com *Perí tékhne* é muito importante, pois trata-se de um texto que reforça a noção que se tem do demiurgo como aquele que exerce o seu *érgon* a partir de uma *tékhne*, determinada por uma *epistéme* e por uma *dynamis*. O demiurgo da arte médica é o fomentador da saúde para aqueles que a perderam. Ele empreende, no limite de sua capacidade, uma ação em benefício da recuperação do doente. Conhecendo a causa das doenças, as dietas adequadas, a manipulação dos *phármacos*, o médico elabora a natureza de modo a impor à própria natureza dos corpos uma harmonia que outrora havia se perdido. Esse procedimento, presente no tratado médico que mencionamos, é disposto de modo semelhante no texto da *República*, em especial nesse segundo livro do diálogo. A cidade, que a princípio vivencia um estado naturalmente saudável, perde seu equilíbrio a partir da introdução de elementos estranhos ao seu “corpo”, esses levam-na ao adoecimento. O processo de cura condiz com a restituição do equilíbrio antes perdido e a eliminação da doença que a aflige.

A atividade demiúrgica de Sócrates também se mostra pelo fato de recorrentemente ele explicitar sobre qual suporte se estabelecerá o procedimento de fundação da cidade, a saber, o próprio *lógos*. Podemos observar esse aspecto a partir do uso do dativo no texto da *República* como um todo, mas especificamente no segundo livro do diálogo, quando torna-se uma marca característica da proposta de fundação da cidade e dos mecanismos que operam dentro dela. Um exemplo disso é quando se propõem a educação dos homens da cidade, diz Sócrates: “Vamos, então, como aqueles que *mitologam*⁴ com mito no momento de lazer, com *lógos* eduquemos esses homens?”⁵ (“Ἴθι οὖν ὡσπερ ἐν μύθῳ μυθαλογοῦντες τε και σχολὴν ἀγοντες λόγῳ παιδεύωμεν τοῦς ἀνθρώπους;”). Também podemos exemplificar com a passagem mais emblemática, quando Sócrates convoca seus interlocutores dizendo: “por meio do *lógos*, desde o princípio, façamos uma cidade”⁶ (τῷ λόγῳ ἐξ ἀρχῆς ποιῶμεν πόλιν)⁷. Interpretamos que o objetivo do filósofo é marcar a esfera discursiva (o *lógos*) como “suporte” sobre o qual ele elabora o seu argumento (o seu *lógos*). Não obstante, além do “suporte” usado para

4 Queremos manter a ideia do “aqueles que contam mito” por isso o neologismo.

5 *Rep*, II, 376d-e

6 Estamos considerando no corpo do texto o uso do dativo instrumental, que dá especificamente a noção do instrumento com o qual a cidade será forjada, sabemos, o *lógos*. O dativo locativo também pode ser uma opção de tradução, nesse caso, a tradução ficaria da seguinte maneira: “No *lógos*, desde o princípio, façamos uma cidade”. Nesse caso estaria marcando onde a fundação da acontece.

7 *Rep*, II, 369c.

dar forma à sua cidade ser *lógos*, é possível observar que essa cidade está “localizada” no *lógos* e o instrumento usado para sua forja é o próprio *lógos*.

O outro nível no qual o tema da demiurgia está disposto é propriamente a explicitação da composição da cidade, a rigor, como mencionamos acima, conformada, em sua maior parte e em sua essência, por demiurgos. A atividade demiúrgica funciona como elemento agregador da *pólis* feita de/no *lógos*, isso porque cada demiurgo exerce uma função, segundo as necessidades que são inerentes à comunidade. A cidade, desse modo, nasce e cresce a partir do estabelecimento da demiurgia. O exercício das funções demiúrgicas é respaldado pela *tékhne* que é intrínseca a cada atividade, ou seja, para o exercício do *érgon* é necessário a *epistéme*⁸ que lhe é própria.

Quando Sócrates fala sobre as necessidades primárias as quais compelem os homens a estarem juntos, ele menciona comida, construção de casa e produção de roupas, mas silencia-se sobre procriação. Ele fala apenas das necessidades naturais que são satisfeitas por meio das artes distintas das necessidades naturais que são satisfeitas naturalmente. Ele abstrai a procriação a fim de ser capaz de compreender a cidade como uma associação de artífices ou afim de uma completa coincidência, quanto possível, entre a cidade e as artes. A cidade e as artes estão interligadas.⁹

São dois os contextos descritos no processo de elaboração da cidade. Em um primeiro momento a comunidade se pauta por um caráter simples, condicionado apenas pela satisfação do necessário. Em um segundo momento, após um processo de transformação do modo de vida dos componentes da cidade, ela perde sua essência primordial, conduzindo-se pela via dos excessos. O que causa essa transformação é o elenco das prioridades, que influem diretamente no modo de vida que se pratica na cidade. O sistema organizacional da comunidade, antes pautado pela divisão das atividades demiúrgicas, é afetado, tornando-se complexo, inchado e, certamente, desarmônico. Assim, os interesses dos membros da comunidade refletem na produção da cidade e, de forma circular, afetam o modo de vida da cidade. Em outras palavras, os cidadãos passam a exigir certa suntuosidade, então artigos de luxo começam a ser

8 O termo *epistéme* é bastante caro à Platão, portanto, o uso que lançamos mão nessa passagem pode causar alguma controvérsia, sobretudo por ele estar associado a uma espécie de *demiourgós* (δημιουργός) que, no geral, é traduzido como artesão ou artífice. Talvez, para protelar algumas discussões e tentar a conciliação temporária com alguns críticos que identificam o termo como conhecimento filosófico disposto apenas pelos filósofos, capazes de ascenderem à contemplação das ideias, usaremos tal nota para enfatizar que aqui aplicamos ao termo o epíteto de “no sentido fraco”, ou seja, à demiurgia, de modo geral, aquela referente ao simples artesão, dizemos possuir “*epistéme* no sentido fraco”.

9 When Socrates speaks about the primary needs which bring men together, he mentions food, housing and clothing but is silent about procreation. He speaks only of those natural needs which are satisfied by means of arts as distinguished for that natural needs which is satisfied naturally. He abstracts from procreation in order to be able to understand the city as an association of artisans or in order to effect as complete a coincidence as possible between the city and the arts. The city and the arts belong together. STRAUSS, 1978, p. 95-96

produzidos para satisfazer não as necessidades, mas a futilidade dos cidadãos. Isso reflete negativamente no modo de vida da cidade.

Considerando então a oposição entre esses dois modos de vida que caracterizam a cidade, ou seja, o simples e o luxuoso, devemos fazer algumas considerações acerca do caminho que conduz o diálogo até o ponto em questão. Como sabemos, a *República* tem como um dos seus principais temas a pesquisa acerca da natureza da justiça (*dikaiosyne*). Tal empreendimento, que não se mostra tarefa das mais fáceis, está atrelado a uma outra discussão, a saber, qual o modo de vida é mais feliz, se o justo ou o injusto. A *dikaiosyne* torna-se o cerne do diálogo a partir de uma interpretação que Sócrates faz de uma resposta dada por Céfalo. O filósofo considera que seu interlocutor toma a justiça como “simplesmente dizer a verdade e devolver o que se recebeu de outrem”¹⁰, ou seja, trata-se de uma questão acerca do que vem a ser a justiça. Contudo, a definição de justiça não é esclarecida imediatamente. Isso pois, a maior parte do Livro I se estende sobre o debate entre Sócrates e Trasímaco acerca de qual modo de vida é mais propício para a felicidade, se a vida justa ou a injusta. Em outras palavras, o embate entre Sócrates e Trasímaco concentrou-se na tentativa de identificar se a qualidade “Felicidade” pertence ao objeto “Justiça”. No entanto, era preciso primeiro obter uma resposta para a questão que fora levantada anteriormente e saber o que vem a ser esse tal objeto “Justiça”.

A rigor, a questão do modo de vida está presente na discussão desde o momento mais inicial do diálogo e fora Céfalo o responsável por introduzir o tema, afirmando que a condição tranquila que vivenciava em sua velhice decorria do modo de vida que praticava.¹¹ Sócrates, por sua vez, relacionou essa questão com o problema da justiça, ao perguntar sobre a utilidade da fortuna de seu amigo. Essa indagação resultou na posição final de Céfalo, cuja resposta foi que a riqueza lhe permitia não mentir, mesmo que involuntariamente, e não dever aos homens ou aos deuses, evitando assim cometer atos injustos.¹² Não obstante, fora Trasímaco quem definiu o modo de vida injusto como feliz e o justo o seu contrário, vinculando definitivamente o tema da *dikaiosyne* ao da *eudaimonia*.¹³ Ficando assim as duas questões imbricadas de modo indelével até o fim do diálogo.

10 *Rep.*, I, 331c

11 *Rep.*, I, 329a-d

12 *Rep.*, I, 330b – 331d

13 *Rep.*, I, 343b – 344b

Na parte introdutória do segundo livro da *República*, os dois irmãos de Platão, Gláuco e Adimanto, fazem dois discursos marcados pela descrição detalhada acerca do que o vulgo e os poetas tomam por justiça e injustiça. Em seguida eles propõem à Sócrates um elogio à justiça. O filósofo, embora não se negue a fazer, também não se inclina nesse sentido, justamente porque não se alcançou a definição daquilo a que se deve elogiar. Para tanto, inicia-se uma pesquisa sobre o que vem a ser a justiça ou, conforme a metáfora que vez por outra é aplicada, a caça ao objeto a ser definido.

É o exercício da pesquisa que conduz Sócrates à função de demiurgo da cidade. No intuito de facilitar a visualização do problema, ele propõe uma analogia entre as estruturas da cidade e as estruturas da alma, assim o filósofo apresenta uma correspondência entre a *pólis* e a alma. A justificativa da proposta de Sócrates é que, talvez seja mais fácil enxergar o problema da justiça olhando para um plano mais amplo, ou seja a cidade. Em seguida, tendo algum conhecimento acerca do objeto que fora visualizado em circunstâncias mais favoráveis, o procedimento deve ser retornar à alma e verificar se aquilo que fora observado na cidade se aplica a ela.

A partir de então, Sócrates estabelece o processo fundacional de uma *pólis* por meio do *lógos*, ao afirmar: “τῷ λόγῳ ἐξ ἀρχῆς ποιῶμεν πόλιν”¹⁴ (conforme uma das traduções sugeridas acima: “Por meio do *lógos*, desde o princípio, fazemos uma cidade”). Essa passagem, em nossa opinião, funciona como uma menção ao exercício da atividade demiúrgica de Sócrates no Livro II da *República*. Esse indício da atividade demiúrgica se torna claro, sobretudo se observarmos o uso do dativo “τῷ λόγῳ”. A aplicação que o autor da *República* dá ao substantivo em seu caso dativo ultrapassa o mero uso estilístico e visa evidenciar o “suporte” sobre o qual a cidade será forjada.

Em seguida o filósofo dá a justificativa da aglutinação das pessoas em comunidades ao afirmar que, “uma cidade nasce porque cada um de nós não é autossuficiente (ἡμῶν ἕκαστος οὐκ αὐτάρκης) mas carente de muitas coisas.”¹⁵ Em contrapartida, cada homem é especificamente apto em uma arte, portanto, propenso para exercer um ofício. O exercício de cada função dentro dessa comunidade incipiente visa aplacar o peso das carências que os homens possuem, sendo cada um capaz de exercer um ofício eles podem se agregar e oferecer suas capacidades uns para os outros. No diálogo *Hípias menor* Sócrates trata a função (ἔργον) como uma capacidade e, fazendo

¹⁴ *Rep*, II, 369c.

¹⁵ *Rep*, II, 369b.

um paralelo, no texto da *República* está determinado que a maioria das funções são atividades demiúrgicas. Diz Irwin:

A demiurgia é uma capacidade e alguém que tem a capacidade pode ou produzir seu produto normal, deixar de usá-la, ou fazer mal uso para produzir um produto diferente.¹⁶

Se a capacidade de cada um for considerada um bem privado, esse bem privado é disposto como um bem comum a todos, algo determinante para o modo de vida associativo nessa comunidade que Sócrates faz surgir. Adiante ficará claro que nesse contexto todos são demiurgos de algo, mas não de qualquer coisa, senão daquilo que é necessário. Assim, pensamos, é possível afirmar que a cidade propriamente dita se constitui a partir da relação entre demiurgos. Essa é, assim entendemos, a segunda acepção para a demiurgia no Livro II do diálogo.

A capacidade que cada membro da comunidade tem para exercer uma atividade demiúrgica está implicada em suas naturezas, e em decorrência disso praticam um modo de vida comunitário. Desse modo, está implícito na fala de Sócrates, que é devido a natureza de cada um que se torna possível amenizar as necessidades de todos. Praticando esse modo de vida comunitário não há violência contra as naturezas individuais. Por exemplo, obrigando um construtor a exercer a função de agricultor, ou exigindo que um tecelão deixe de produzir suas vestes para cuidar da construção de uma casa. A divisão do trabalho segundo a natureza de cada membro da comunidade também protege o tempo de lazer dos cidadãos, assim aquele que é apto para uma atividade não tem que abdicar de seu ócio para realizar outra atividade que não lhe convém. Portanto, o princípio que dá fundamentos para a cidade é a necessidade, mas sua característica essencial, em seus primórdios, é a harmonia como regra de convivência, tudo estabelecido a partir da natureza daqueles que compõem a comunidade.

A cidade que está sendo elaborada por Sócrates passará por processos de adoecimento e restituição de sua saúde, como já mencionamos. No entanto, devemos nos concentrar um pouco mais nesse primeiro momento, cuja vida em comunidade se mostra determinada pela própria natureza humana. Sócrates indica que mesmo a cidade ainda em seu estado saudável é passível de crescimento. Não obstante, trata-se de um crescimento ordenado e segundo as necessidades básicas. Então, o filósofo parte para a

¹⁶ A craft is a capacity and someone who has the capacity can either use to produce its normal product, leave it unused, or misuse it to produce a different product. IRWIN, 1995, p. 69

elaboração das funções executadas na cidade, mas isso sem abrir mão da especificidade das capacidades, o que confirma cada demiurgo como sendo apto para exercer bem um único ofício. Tendo esse aspecto em vista, Sócrates observa que aqueles primeiros elementos da comunidade, ou seja os agricultores, construtores, tecelões e sapateiros dependem de ferramentas para o exercício de suas funções. Desse modo, sendo cada um deles excelente apenas em suas artes específicas, não seria de se esperar que fossem eles os produtores de suas ferramentas. Para manter rigoroso o princípio da divisão das funções dentro da comunidade, é necessário que mais demiurgos sejam agregados ao convívio coletivo, além daqueles já mencionados. Portanto, deve-se admitir na cidade alguns ferreiros, carpinteiros, pastores, boieiros e todos aqueles que possam dar suporte para o exercício das atividades demiúrgicas “primárias”. Também é fato que a cidade não pode ser responsável por produzir tudo que ela precisa, por isso outra necessidade que se faz premente é a relação comercial com outras comunidades, para a importação daquilo que não é produzido. Para tanto, são agregados os agentes especializados na prática do comércio. O comércio marítimo, que será um dos novos elementos adicionados, demanda outros demiurgos, especializados na construção de navios ou detentores da própria arte de navegar. Esses “importadores” são responsáveis por trazer de fora da cidade tudo que não puder ser produzido por seus cidadãos, mas sempre tomando por parâmetro exclusivamente aquilo que é necessário para a subsistência daqueles que compõem a *synoikía*. O comércio interno exige alocar outros especialistas, os quais são qualificados por Sócrates como “gente inútil para qualquer outro trabalho”¹⁷, mas que encarregam-se das relações de compra e venda. A função desses homens não deixa de ser importante pois permite aos demiurgos não negligenciarem o exercício de suas funções específicas.

Devemos destacar que embora a cidade tenha uma estrutura econômica com certo grau de elaboração, ainda não se tem efetivada uma estrutura política. A distribuição das várias funções, ou seja, a divisão do trabalho, não corresponde especificamente ao estabelecimento das classes determinadas segundo a tripartição em produtores, auxiliares e governantes. Tal como também a cidade não tem ainda a necessidade de governo. A vida sob as circunstâncias descritas até então permite as condições necessárias para a existência e sobrevivência da comunidade sem a demanda da política.

17 *Rep*, I, 371c

Tendo a cidade crescido, Sócrates questiona onde se encontram a justiça e a injustiça nessa *pólis* que fora elaborada por eles. Adimanto, com pouca certeza, considera que talvez esteja nas relações entre aqueles que compõem a comunidade.¹⁸ Em seu comentário à passagem, Richard Romero considera que a resposta dada pelo irmão de Platão remete à posição defendida por Polemarco ainda no Livro I,¹⁹ quando o filho de Céfalo afirmara que a justiça seria algo funcional no âmbito das relações comerciais.²⁰ Podemos então pensar com Romero e verificar a resposta de Adimanto tendo o que fora dito por Polemarco em perspectiva. As relações estabelecidas na comunidade que está sendo fundada por Sócrates difere das relação que são instituídas em quaisquer outras comunidades históricas, essas são pensadas por Polemarco. Isso ficará evidente quando Sócrates iniciar o processo de adoecimento da cidade, mas esse momento, embora próximo, ainda não chegou. Por isso, o irmão de Platão ainda não se sente capaz de responder a pergunta do filósofo. Talvez, Adimanto tivesse que de fato fazer a comparação com o modo de vida de uma cidade histórica, justamente partindo da colocação feita por Polemarco. No contexto que fora aludido pelo filho de Céfalo, as relações eram estabelecidas entre pessoas cujos estatutos eram opostos, amigos e inimigos, e o intuito das relações era ajudar uns e prejudicar outros. Na cidade que nascera com a associação de demiurgos, embora naturalmente distintos, o estatuto de cada homem era igual e a disposição de todos era pelo apaziguamento das necessidades que eram imposta a todos. Então, para esclarecer um pouco mais a descrição da cidade, Sócrates explicita o modo de vida da comunidade que ele está forjando. A intenção é deixar nítida a simplicidade desses cidadãos, tendo em vista que o ordenamento já está disposto a partir da divisão das funções da cidade.

O modo de vida desses demiurgos pode ser descrito da seguinte maneira: Desprovidos de luxo, são homens que trabalham nus durante o verão, mas que no inverno recorrem a vestimentas adequadas, usando calçados e roupas próprias para a estação. O filósofo também afirma que eles têm uma alimentação bastante simplificada, à base de pães, cereais, queijo, vegetais e legumes. Não é mencionado o consumo de carne. Mesmo o tempo reservado ao ócio é vivenciado com moderação. Nos banquetes, bebem vinho alegremente com seus compatriotas, coroados de flores e entoando hinos aos deuses, sem terem filhos além da conta e vivendo uma vida longa, pacífica e

18 *Rep*, I, 372a

19 *Areté e vida primitiva: uma comparação entre o Livro II da República e o Livro III das Leis*. Kleos V.9-10 n° 9-10 Julho de 2005 – julho de 2006.

20 *Rep*, I, 333e – 333d

saudável. Para dormir ou descansar deitam-se em leitos feitos de folhagem de mirto.²¹ Assim Sócrates descreve um modo de vida simples, ordenado, condizente com homens de bom temperamento.²²

Essa descrição, no entanto, provoca no outro irmão de Platão uma imediata reação crítica. Gláuco sugere que esse modo de vida praticado na comunidade fundada pelo filósofo caracterizaria uma “cidade de porcos”.²³ A ponderação que ele faz se sustenta na total ausência dos elementos referentes à sofisticação dos hábitos, algo relativo à elaboração da cultura e de seus adereços. Todavia, Sócrates não empreende uma defesa ao modo de vida que se pratica na cidade que eles estão fundando. Mas, ao contrário, considera ser salutar a intervenção de seu amigo. Assim, tendo em vista que o objetivo é encontrar a justiça e a injustiça, ele acata a crítica de Gláuco, mas não sem antes afirmar que a cidade simples é de fato a cidade verdadeira, pois é sadia e lhe basta o modo de vida que se pratica nela.²⁴

Para incorporar a crítica de seu interlocutor, Sócrates passa a elaborar alguns elementos luxuosos para a cidade e observa que, em uma comunidade repleta de luxos será mais fácil identificar de onde procede a justiça e de onde procede a injustiça.²⁵ O que é incorporado à cidade tem origem nas afecções de seus componentes. O propósito é explicitar a transição do modelo de vida saudável para um modelo de vida que seja repleto de vícios e paixões. Introduzindo esse processo ao sistema ficaria mais fácil traçar um contraste com a cidade saudável. Segundo Strauss:

A cidade saudável ou qualquer outra sociedade anárquica seria possível se o homem se mantivesse inocente; mas é da essência da inocência que ela é facilmente perdida; os homens podem ser justos apenas por meio do conhecimento. A auto realização não está essencialmente em harmonia com a sociedade.²⁶

O princípio da transformação da cidade simples em uma cidade luxuosa também acontece a partir da incorporação de outros agentes demiúrgicos. Essa inclusão é indispensável pois a cidade ao se tornar pomposa passa a operar segundo os desejos pelo supérfluo. Sob esse aspecto, a atividade dos novos demiurgos diferenciam-se

21 *Rep*, II, 372a-c

22 Uma das relações que se pode estabelecer entre a cidade feita de lógos é com a comunidade dos feácios descrita na *Odisseia*. Assim como o mito descrito na *Teogonia* das raças em Hesíodo.

23 *Rep*, II, 372d

24 O artigo de Richard Romero que citamos acima visa refutar a perspectiva de Cláudio Velloso, A verdadeira cidade de Platão, pelo qual ele defende que Platão realmente considera a cidade original como verdadeira.

25 *Rep*, II, 373b-d

26 The healthy city or any other of anarchic society would be possible if man could remain innocent; but it is of the essence of innocence that it is easily lost; men can be just only through knowledge. Self-realization is not essentially in harmony with sociability. STRAUSS, 1978, p.95

daqueles que inicialmente faziam parte da cidade, cujo exercício estava submetido à necessidade. Destarte, se a cidade originalmente se pautava pela satisfação das necessidades mais prementes, nesse segundo momento, ela é determinada pelos desejos relativos ao conforto e ao bem-estar cultural e material. Em outras palavras, a cidade decai por causa da elevação dos desejos pelo luxo à condição de prioridade. Esse novo elenco de objetos a serem desejados exigem atividades próprias, mas que consomem a harmonia da comunidade. A cidade, ao se enveredar para o luxo torna-se mais complexa, e a consequência disso é a perda da unidade, que é sustentada princípio de especialização das artes presente no momento de sua fundação.

Quando Sócrates passa a incorporar elementos de uma sociedade culturalmente sofisticada, fica nítida a mudança de perspectiva. Ao proceder dessa forma, o filósofo reconhece que a comunidade humana é em parte fruto de uma natureza agregadora e em parte determinada pela elaboração do *éthos*. Outra conclusão que talvez esteja nas entrelinhas é que a justiça está no âmbito da natureza humana, mas sem sua antítese, a injustiça, ela é tomada simplesmente como harmonia. O processo de elaboração do *éthos*, configurado pela complexidade das relações é que desarmoniza e introduz as injustiças na comunidade. Quando Sócrates está a perseguir as quatro excelências cardinais, já no Livro IV, ele nos diz que justiça é cada um cumprir a tarefa que é sua (*δουκαιοσύνη εἶναι τό τά αὐτοῦ πράττειν*).²⁷ Devemos lembrar que cada tarefa na cidade é em virtude das capacidades individuais, que são bens naturais. Assim, justiça se opõe ao “apropriar-se do bem alheio”. Por sua vez, no retorno à alma Sócrates identifica justiça como uma certa harmonia, onde cada parte opera como os termos da escala musical.²⁸ Uma alma harmônica produz ações belas e justas, sejam na aquisição de bens, no cuidado com o corpo ou a respeito da política.²⁹

Os artífices do supérfluo que se incorporam à cidade são sobretudo os rapsodos, atores, poetas, artesãos que fabricam utensílios de luxos, com fins de ornamento, aqueles que produzem adornos e cosméticos femininos e outros tantos. Sócrates também relata que devido ao luxo incorporado à cidade, os cidadãos abandonam as dietas simples e regradas. Com isso são introduzidos novos hábitos alimentares, possivelmente muitos deles não saudáveis. Como consequência, a cidade parte em busca de mais variedades de alimentos e a exigir outros tipos de cozinheiros. Com todas

27 *Rep.*, IV, 433b

28 *Rep.*, IV, 443d

29 *Rep.*, IV, 443e

as modificações no modo de vida da cidade será necessário incorporar novos servidores. Chama-nos a atenção a referência à dois em especial, que não eram necessários na cidade saudável, a saber, a incorporação dos pedagogos e dos médicos. Duas funções que estão diretamente relacionados ao cuidado com a cidade, os pedagogos dedicam-se aos cuidados da alma dos cidadãos e os médicos cuidam do corpo.

A incorporação dos luxos e a variedade de desejos também implica em maior violência, pois, com a dilatação dos desejos vem a *pleonexía*, que impele os cidadãos a tomarem as riquezas como um bem em si.³⁰ Os homens agora ambiciosos partem na busca por se tornarem uns mais poderosos que outros. Como consequência, arrastam a cidade à guerra. Para acomodar a gama de ambições o território torna-se insuficiente tanto para a população que crescera quanto para satisfazer os desejos que se tornaram mais intensos que antes. A limitação espacial é um problema. Portanto, interessada em conquistar as propriedades alheias, buscando a aquisição de novas terras, querendo expandir seu poder, a cidade declara guerra contra outras. Sócrates observa que talvez não tenham chegado à justiça ou a injustiça, mas certamente descobriram a origem das guerras.³¹ Para título de comparação, no primeiro momento de expansão da cidade, ainda quando ela era saudável, incorporou-se o comércio, ou seja, a relação pacífica com outras comunidades, nesse segundo processo de expansão, já adoecida e ambiciosa, a cidade parte para a guerra, evidenciando assim dois modos de vida possíveis para uma cidade, o da paz e o da violência.

O aparecimento da guerra é determinante para que a cidade incorpore um outro elemento em seu núcleo. Primeiro a preocupação é com a ação prática de combater, por isso em princípio Sócrates refere-se à essas figuras como guerreiros (*πολεμικοί*) ou combatentes (*ἀγωνισταί*). Em seguida, ele afirma a importância dessa função e passa a detalhar especificamente a atividade desses homens, então muda a nomenclatura usada e refere-se a eles chamando-os como guardiões (*φύλαξ*). Mais tarde esses guardiões serão referidos como “demiurgo[s] da liberdade” (*δemiουργούς ἐλευθερίας*)³². Acerca das determinações que cabem à função do guardião, podemos vê-las especificadas em uma passagem anterior, a saber, em uma fala de Adimanto, quando aparece pela primeira vez a menção ao *phylax*, Diz o irmão de Platão:

30 Observamos aqui outra referência à figura de Céfalos, a quem Sócrates considerou não ser demasiadamente apegado à riqueza, embora não seja também alguém desprezado dos bens materiais.

31 *Rep.*, II, 373e

32 *Rep.*, III, 395c

Se portanto, vós nos falasseis assim desde o começo, e nos persuadissem desde novos, não andaríamos a guardar-nos uns aos outros para não praticarmos injustiças, mas cada um seria o melhor guardião de si mesmo, com receio de coabitar com o maior dos males, se praticasse a injustiça.³³

Com a passagem supracitada, observamos que a função que os guardiões exercem representa mais do que lutar e combater em guerra, a rigor a função que lhes cabe esta intimamente ligada à defesa da justiça, pois a justiça nasce na alma, conforme mencionado no Livro IV, como uma espécie de harmonia. Mas, o guardião só será capaz de executar seu ofício se tiver, além da conformação natural, a educação necessária. A *paidéia* dos guardiões é determinante para o controle dos excessos causados pela *pleonexia* e, em especial, para a purificação da cidade. Entretanto, essa é uma questão que concerne mais ao terceiro livro, quando será abordado o modelo de *paidéia* que se deve imprimir na cidade. Por ora, conduzimo-nos até o presente passo e deixamos para abordar os problemas que se seguem em outra oportunidade.

Considerações finais

A demiurgia nesse segundo livro da *República* é especificamente centrada na elaboração da cidade, seja ela enquanto uma atividade exercida por Sócrates, seja ela enquanto elemento agregador dos membros da comunidade. Tentamos mostrar no desenvolvimento que o primeiro momento da *pólis* feita de *lógos* configura-se como uma *synoikía*, ou seja, uma comunidade de pessoas que vivem juntas. Como tentamos defender, essa *synoikía* é, em outras palavras, um agregado de demiurgos, que, em um primeiro momento dedicam-se exclusivamente à produção do necessário e praticam um modo de vida simples. É essa simplicidade que contribui para o bom desenvolvimento da comunidade como um todo, sobretudo é a divisão das funções dentro da comunidade que estabelece a harmonia que lhes é inerente.

Ao fazer surgir uma cidade em torno das artes, Sócrates evidencia que a possibilidade de harmonia está na relação que os membros da comunidade tem uns com os outros, mas sobretudo no modo de vida que eles praticam. Pois, é esse modo de vida que determina como as artes são exercidas. As artes podem ser voltadas para o bem de todos ou voltadas para os desejos particulares, cabendo à forma como a comunidade é ordenada estabelecer isso. Na cidade caracterizada pela simplicidade, não só o ato mecânico de exercer a função é importante, mas o bem executar da arte também importa, assim como o fim ao qual ela é destinada. O fator que determina as funções de

³³ *Rep.*, II, 367a

cada membro da comunidade é a conformação de suas naturezas. Portanto, o ato humano de se agregar em uma cidade é algo natural. A conclusão que Sócrates nos passa é que um homem não pode viver apartado de outro.

O segundo momento do processo de elaboração da *pólis*, é caracterizado pelo inchaço que é introduzido na comunidade. Por meio do aumento dos desejos e pela elaboração do *éthos*, a cidade torna-se desarmônica e complexa. Sob essas circunstâncias há uma ruptura do modo de vida simples e ordenado que até então era praticado. A simplicidade que caracterizava a comunidade nos primeiros momentos de sua fundação deixa de existir quando se instaura novos valores, capazes de impulsionar a cidade em direção à sua corrupção. O elo que foi rompido é o da harmonia, determinado pelo sistema de divisão do trabalho, que, como tentamos mostrar, tratava-se de um sistema respaldado pela natureza de cada membro da comunidade. Desfeita a harmonia, o modo de vida dos cidadãos é afetado diretamente.

Fica claro que a *pólis*, ao se configurar como uma cidade sadia ou inflamada, expressa as disposições de seus cidadãos. Quando eles estão dispostos uns com os outros a cidade é saudável, quando seus valores individuais são mais preponderantes, a cidade se desagrega e se corrompe. Quando um cidadão é dominado pelas afecções e desejos, ele é corrompido, quando a população de um modo geral é dominada por suas afecções e desejos a cidade torna-se corrompida. Como elementos cruciais desse processo estão os demiurgos, responsáveis pela produção da cidade, seja de bens, seja de males.

Embora a cura da cidade seja possível restituindo a vida simples que antes era praticada, não há como retroceder ao momento inicial da comunidade. É necessário cuidar da cidade como ela se mostra a partir de então, eliminando os males e controlando a *pleonexia*, que, em certa medida, é necessária para o desenvolvimento da própria cidade. Portanto, a introdução da figura do guardião, responsável pela restituição da saúde da *pólis*, trás consigo o tema da educação. Cabe aos guardiões, que identificam a felicidade da *pólis* com a sua própria felicidade, aprimorarem-se no conhecimento do bem e assumirem a função que lhes cabe. Assim, a cidade, embora não retroceda ao contexto anterior, pode reencontrar-se com a felicidade a partir da justiça.

Bibliografia

PLATÃO. *A república*. Tradução. PEREIRA, Maria Helena da Rocha 4a. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1983.

PLATÃO. *Leis*. Tradução. NUNES, Carlos Alberto. 1.ed.rev. Belém: EDUFPA, 1980.

PLATÃO. *Diálogos: Timeu-Critias, O segundo Alcibiades, Hípias Menor*. Tradução. NUNES, Carlos Alberto 3. ed. rev. Belém: EDUFPA, 2001.

HIPPOCRATES. *PERÍ TÉKNE* in: HIPPOCRATES Vol II. Tradução. JONES, W.H.S. Massachusett, Havard University Press, 1059.

ANDRADE, Rachel Gazolla de. *Platão: o cosmo, o homem e a cidade*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

CORNFORD, Francis M. *The Republic of Plato*. London: Oxford University Press, 1945.

IRWIN, Terence. *Plato's Ethics*. New York: Oxford University Press, 1995.

STRAUSS, Leo. *The city and man*. Chicago: The University Chicago Press, 1978.